

A
ÚLTIMA
TESTEMUNHA

Copyright © 2019 por Lynne Constantine and Valerie Constantine

All rights reserved.

Título original: *The Last Time I Saw You*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Preparação: *André Sequeira*

Preparação de original: *Thaís Carvas*

Revisão: *Anna Beatriz Seilhe*

Capa: *James Iacobelli*

Imagem de capa: *Nigel Cox*

Adaptação de capa: *Angelo Bottino*

Diagramação: *Abreu's System*

Produção de ebook: *S2 Books*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C774u

Constantine, Liv

A última testemunha / Liv Constantine ; tradução Érico Assis. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Harper Collins, 2020.
336 p.

Tradução de: *The last time I saw you*

ISBN 9786555110104

1. Ficção americana. I. Assis, Érico. II. Título.

20-63282

CDD: 815

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza — Bibliotecária CRB-7/6459

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

ÀS DAMAS DA TERÇA-FEIRA:

Ginny

Ann

Angie

Babe

Fi

Mary

Santhe

Stella

Exemplos incomparáveis de amizade e fidelidade.

Muitas saudades.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Prólogo

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Agradecimentos

PRÓLOGO

Ela gritou e tentou se levantar, mas só perdeu o equilíbrio. Sentou-se de novo, puxou o ar bem fundo e soltou. Tentou se concentrar. Havia como fugir? *Pense*. Ela se ergueu, as pernas estavam bambas. O fogo se espalhava, chegava aos livros e aos porta-retratos. Ela mergulhou no chão, de mãos e joelhos, quando a fumaça espessa preencheu a sala. Quando o ar ficou denso demais, ela colocou a blusa sobre a boca. Tossiu enquanto engatinhava rumo ao saguão.

– Socorro! – gritou, a voz rouca, embora soubesse que não havia ninguém por perto que pudesse ajudá-la. Não entre em pânico, disse a si mesma. Ela precisava se acalmar, poupar oxigênio.

Ela não podia morrer desse jeito. A fumaça era tão densa que ela só conseguia enxergar centímetros à frente. O calor das chamas estava se aproximando e ia consumi-la. Não vou conseguir, pensou. A garganta estava inflamada, o nariz ardia.

Com o que lhe restava de força, ela arrastou-se até o saguão da entrada. Ali se deitou, arfando, exausta. Seus pensamentos estavam embaralhados, mas o mármore gelado do chão era como uma carícia na sua pele. Ela encostou a bochecha no piso frio. Já podia dormir. Fechou os olhos e sentiu que estava apagando, até que tudo ficou escuro.

UM

Havia poucos dias, Kate refletia sobre qual presente de Natal daria à mãe. Não tinha como saber que, em vez de um presente, teria que escolher um caixão. Ela ficou parada, em silêncio, atordoada, enquanto os encarregados de carregar o caixão dirigiam-se à igreja lotada. Um movimento repentino fez com que ela se virasse. Foi quando a viu. Blaire. Ela viera. Ela tinha vindo de verdade! De repente, foi como se a mãe de Kate não estivesse mais dentro de uma caixa de madeira, vítima de um homicídio brutal. A imagem que tomou sua mente foi outra. A da mãe rindo, seus cabelos dourados balançando ao vento enquanto segurava as mãos de Blaire e Kate, as três correndo pela areia aquecida, na direção do oceano.

– Você está bem? – sussurrou Simon. Kate sentiu a mão do marido em um dos seus cotovelos.

Ela tentou falar, mas foi sufocada pelas emoções. Então só fez que sim com a cabeça, indagando-se se ele a tinha visto também.

Após a cerimônia, a procissão de carros levou o que pareceram horas para chegar ao cemitério e, uma vez lá, Kate não se surpreendeu ao ver a fila que se formara. Kate, o pai e Simon tomaram seus assentos enquanto outros ocupavam o espaço ao redor do túmulo. Apesar do céu aberto, alguns flocos de neve dançavam no ar, anunciando os dias frios por vir. Por trás dos óculos escuros, o olhar de Kate percorria cada rosto e questionava se o assassino poderia estar entre eles. Alguns eram estranhos, ao menos para ela, e outros eram amigos antigos que ela não via havia anos. Enquanto vasculhava a multidão, seus olhos detiveram-se em um homem alto e em uma mulher pequena de cabelos grisalhos ao seu lado.

A dor invisível se alastrou pelo seu peito, e sufocou seu coração. Eram os pais de Jake. Ela não os via desde o enterro dele, aquele que havia sido o pior dia de sua vida, até o dia de hoje. A expressão no rosto deles era impassível. Apenas olhavam para a frente. Ela fechou os punhos, recusando-se a sentir de novo a dor e a culpa. Mas tinha tanta vontade de conversar com Jake, de chorar no seu ombro enquanto ele lhe dava um abraço.

A cerimônia no cemitério foi curta. Enquanto o caixão descia ao solo, Harrison, pai de Kate, ficou imóvel, apenas olhando. Kate entrelaçou sua mão à dele, que permaneceu mais alguns instantes parado, o rosto inescrutável. De repente, ele pareceu ter muito mais que 68 anos, as linhas profundas em sua testa ainda mais ressaltadas. Kate se viu tomada pelo pesar e segurou em uma das cadeiras de armar para recuperar o equilíbrio.

A morte de Lily deixaria um enorme vácuo na vida de todos. Ela fora o centro, um centro poderoso em torno do qual girava a família. Ela organizava a vida de Harrison, dava ordem e administrava a agenda social lotada dos dois. Mulher elegante, produto da riqueza da família Evans, ela aprendera desde a infância que sua fortuna a obrigava a retribuir à comunidade. Lily fizera parte de vários comitês de filantropia e dirigira a própria fundação de caridade – a Fundação Família Evans-Michaels –, que subsidiava organizações que atendiam vítimas de violência doméstica e abuso infantil. Ao longo dos anos, Kate assistira à mãe presidir o comitê da fundação, incansável na tarefa de angariar fundos e ficar pessoalmente disponível àquelas que recorriam ao abrigo. Ainda assim, Lily sempre estivera à sua disposição. Sim, Kate teve babás, mas era a mãe quem vinha toda noite cobri-la com o cobertor, era a mãe que nunca perdia um evento do colégio, era a mãe que secava suas lágrimas e que comemorava suas conquistas. De certo modo, ser sua filha era um desafio, como se ela desse conta de tudo com graça e tranquilidade. No fundo, o que a guiava era um propósito muito forte. Às vezes, a filha imaginava-a relaxando a postura ereta ao fechar a porta do quarto. Kate prometera a si própria que, se tivesse filhos, seria como a mãe.

Kate colocou o braço sobre os ombros do pai e puxou-o delicadamente para baixo da tenda, onde o ar frio estava tomado pelo cheiro nauseabundo de rosas e lírios de estufa. Com Simon pelo outro lado, os três caminharam até a limusine. Ela sentiu-se aliviada ao entrar no casulo escuro do veículo e espiou pela janela. Parou de respirar ao perceber Blaire, sozinha, as mãos à frente do corpo. Kate teve que se deter para não abaixar a janela e chamá-la. Fazia quinze anos que não conversavam. Naquele momento, parecia que haviam se visto ontem.

A casa de Simon e Kate, em Worthington Valley, ficava perto do cemitério, e ninguém cogitou a opção de receber as pessoas na casa de Lily e Harrison, o lugar onde ela havia morrido. O pai não voltara lá desde a noite em que encontrara o corpo da esposa.

Quando chegaram, Kate correu para casa antes dos demais, pois queria alguns instantes para ver sua filha até que os convidados começassem a aparecer. Subiu a escada com pressa até o segundo andar. Simon e Kate haviam decidido que seria melhor para a filha pequena, de quase cinco anos, abster-se do trauma do enterro. Mas Kate queria saber como ela havia ficado.

Lily ficara muito emocionada no dia que Kate contara da gravidez. Era apaixonada por Annabelle desde o instante em que a menina nasceu, e lhe dava toda atenção sem qualquer limite que se impusera com Kate, rindo quando dizia: “Ela, eu posso mimar. Quem tem que educar é você.” Será que a neta se lembraria da avó, com o passar dos anos?, pensou Kate. A reflexão fez ela hesitar e seu pé escorregou no último degrau. Ela agarrou o corrimão ao chegar no patamar e puxou-se em direção ao quarto da filha.

Quando Kate espiou pela porta, Annabelle estava contente brincando com sua casa de bonecas, protegida dos trágicos acontecimentos dos últimos dias. Hilda, a babá, ergueu o olhar quando a mãe entrou.

– Mamãe. – Annabelle levantou-se, correu até Kate e a abraçou pela cintura. – Tava com saudade.

Kate puxou a filha para perto e fungou no seu pescoço.

– Eu também, meu docinho. – Ela sentou-se na cadeira de balanço e colocou Annabelle no colo. – Quero conversar com você e depois vamos descer juntas. Lembra que eu contei que a vovó foi ficar no céu?

Annabelle olhou para ela, de cara séria.

– Lembro – respondeu a menina, os lábios trêmulos.

Kate passou os dedos pelos cachos da filha.

– Então. Tem um monte de pessoas lá embaixo. Elas vieram nos dizer o quanto amavam a vovó. Não é legal?

Annabelle fez sim com os olhos arregalados, sem piscar.

– Eles querem nos dizer que nunca vão se esquecer dela. E nós também não vamos, não é?

– Eu queria ver a vovó. Não quero que ela fique no céu.

– Ah, meu bem, eu garanto que você vai ver ela de novo. Um dia vocês vão se encontrar. – Ela puxou Annabelle para perto novamente, tentando segurar as lágrimas. – Agora vamos descer e dar oi para todo mundo. Eles foram muito gentis em vir aqui e ficar conosco. Você pode descer, cumprimentar o vovô e os nossos amigos e, depois, voltar aqui e brincar. Combinado? – Kate levantou-se, pegou a mão de Annabelle e fez um sinal para Hilda, que as acompanhou.

No andar de baixo, elas atravessaram a aglomeração de convidados que já haviam chegado. Depois de quinze minutos, porém, Kate pediu a Hilda que levasse Annabelle de volta ao quarto de brinquedos. Ela continuou perambulando, sozinha, cumprimentando as pessoas, mas o pesar fazia suas mãos tremerem e a respiração se dar em arfadas curtas, como se a multidão estivesse sorvendo todo o ar da casa. A sala de estar estava lotada de uma parede à outra.

Do outro lado do cômodo, Selby Haywood e sua mãe, Georgina Hathaway, conversavam em particular com Harrison. A nostalgia acometeu Kate quando ela olhou para o grupo. Que lembranças boas: os verões na praia da época em que Selby e ela eram crianças, as ondas batendo em seus corpos, os castelos de areia que construíam sob atenção das mães. Georgina fora uma das amigas mais íntimas da sua mãe, e as duas sempre adoraram o fato de que as filhas também eram próximas.

Era, contudo, uma amizade diferente da que Kate tinha com Blaire. Selby e ela haviam sido unidas pelas mães; Kate e Blaire haviam se escolhido. Elas se deram bem desde o começo, como se houvesse um entendimento especial entre as duas. Com Blaire, ela conseguia abrir seu coração de um jeito que nunca conseguira com Selby.

Uma mão tocou um dos cotovelos de Kate, que a fez se virar e ficar cara a cara com a mulher que fora como uma irmã durante seus anos de formação. Ela prontamente se jogou nos braços de Blaire e chorou.

– Ah, Kate. Eu ainda não acredito. – A respiração quente de Blaire no ouvido de Kate enquanto elas se abraçavam era cálida. – Eu a amava tanto.

Passado um instante, Kate afastou-se e pegou as mãos de Blaire.

– Ela também amava você. Que bom que você veio. – Os olhos de Kate incharam de novo. Era surreal ver Blaire ali, na sua casa, depois dos anos que as duas haviam passado afastadas. Uma já fora muito importante para a outra.

Blaire havia mudado muito pouco: seus cabelos compridos e escuros pendiam em madeixas grossas, seus olhos verdes ainda brilhavam e, em torno destes, o leve anunciar das linhas de expressão era a única evidência de que o tempo havia passado. Blaire sempre fora estilosa, mas hoje parecia uma mulher elegante e de gosto caro, como se fizesse parte de um mundo diferente, de muito mais glamour. E claro que fazia, pois agora era uma escritora famosa. Kate foi acometida por uma onda de gratidão. Ela precisava fazer com que Blaire soubesse o quanto dava valor por ela ter vindo, que ela fazia parte de um passado do qual Kate guardava ótimas memórias, e que a antiga amiga entendia melhor que qualquer outra a dor de sua perda. De uma hora para outra ela se sentiu um pouco menos sozinha.

– É muito importante você estar aqui. Podemos ir para outra sala e conversar a sós? – A voz de Kate saiu hesitante. Ela não tinha certeza do que Blaire ia responder, nem se estava disposta a conversar sobre o passado, mas vê-la fez Kate querer aquilo mais do que tudo.

– É claro – respondeu Blaire, sem hesitar.

Kate a levou à biblioteca, onde acomodaram-se em um sofá de couro aconchegante. Passado um silêncio breve, ela falou:

– Sei que deve ter sido difícil para você vir até aqui, mas eu tive que ligar. Muito obrigada por ter vindo.

– É claro. Eu tinha que vir. Pela Lily... – Blaire fez uma breve pausa antes de complementar. – E por você.

– Seu marido veio? – perguntou Kate.

– Não, não conseguiu. Estávamos viajando por conta do livro novo, mas ele compreendeu que eu tinha que comparecer.

Kate fez um meneio com a cabeça.

– Que bom que você veio. Minha mãe também ia gostar. Ela odiava isso de nunca termos feito as pazes. – Ela parou para mexer no lenço que tinha nas mãos. – Penso bastante naquela briga. Nas coisas terríveis que dissemos. – As memórias começaram a vir à tona, enchendo-a de arrependimento.

– Eu não devia ter questionado sua decisão de casar-se com Simon. Foi errado da minha parte – confessou Blaire.

– Nós éramos tão novas... foi uma tolice deixar que aquilo acabasse com nossa amizade.

– Você não sabe quantas vezes eu pensei em ligar para você, conversar e resolver, mas tinha medo de que você desligasse na minha cara – falou Blaire.

Kate olhou para o lenço nas suas mãos, já em pedaços.

– Eu também pensei em telefonar, mas quanto mais eu esperava, mais difícil era. Não acredito que minha mãe teve que ser assassinada para eu tomar a atitude. Mas ela ficaria feliz de nos ver juntas. – Lily ficara muito chateada com a briga das duas. Ao longo dos anos, foram várias as vezes em que ela puxou assunto com Kate, sempre tentando fazer com que ela levantasse uma bandeira branca para Blaire. Kate lamentava a resistência e teimosia que tivera. Ela ergueu o olhar então. – Eu não acredito que nunca mais vou vê-la. A morte dela foi tão brutal. Eu passo mal só de pensar.

Blaire chegou mais perto.

– Foi horrível – disse ela, e Kate percebeu um leve tom questionador na voz.

– Não sei do quanto você ficou sabendo... tenho evitado os jornais. Papai chegou em casa na sexta-feira à noite e a encontrou. – Sua voz fraquejou e ela segurou o choro antes de prosseguir.

Blaire estava sacudindo a cabeça, em silêncio, enquanto Kate prosseguia.

– Ela estava na sala de estar... deitada no chão, a cabeça... alguém bateu na cabeça dela. – Kate engoliu em seco.

– Acham que foi arrombamento?

– Parece que quebraram uma janela, mas não havia sinais de arrombamento.

– A polícia tem ideia de quem foi?

– Não. Não encontraram a arma. Procuraram em todos os lugares. Conversaram com os vizinhos, mas ninguém ouviu nem viu nada de incomum. E você sabe como a casa é isolada... o vizinho mais próximo fica a mais de quinhentos metros. O legista disse que ela morreu entre as 17 horas e as 20 horas. – Kate entrelaçou as mãos. – Não consigo imaginar que, enquanto matavam minha mãe, eu estava aqui, levando minha vida.

– Você não tinha como saber, Kate.

Kate fez sim com a cabeça. Sabia que Blaire estava certa, embora isto não mudasse o que ela sentia. Enquanto ela preparava chá ou lia uma história de ninar para a filha, alguém havia, com brutalidade, tomado a vida de sua mãe.

Blaire franziu o cenho e colocou uma mão sobre a de Kate.

– Ela não ia gostar que você ficasse pensando assim. Você sabe, não é?

– Senti saudades suas. – Kate suspirou.

– Estou aqui.

– Obrigada. – Kate fungou o nariz. Elas abraçaram-se de novo, Kate agarrando-se à amiga como se ela fosse uma boia de salvação que não deixaria ela se afundar no luto. Quando estavam saindo da biblioteca, Blaire parou e olhou para Kate com ar interrogativo.

– Eram os pais do Jake lá na igreja?

Kate fez que sim.

– Fiquei surpresa quando os vi. Mas acho que não vieram para cá, e que só queriam prestar condolências à mamãe. – Ela sentiu um nó na garganta. – Não posso culpá-los por não quererem falar comigo.

Blaire começou a falar, mas fez uma expressão de pena e lhe deu mais um abraço.

– Acho que eu devia voltar às visitas – disse Kate.

Ela passou o resto do dia atordoada. Depois que todos foram embora, Simon se entocou no escritório para resolver uma crise do trabalho, enquanto Kate vagou, sem rumo, de uma sala a outra. Esteve ansiosa para que todos fossem embora, que o dia do funeral de sua mãe terminasse, mas o silêncio da casa estava sinistro. Para onde quer que ela olhasse, parecia que havia mais um cartão de condolências ou mais um buquê de flores.

Acabou sentando-se na poltrona da sala de leitura, encostou a cabeça e fechou os olhos, cansada e triste. Estava quase cochilando quando uma vibração a seu lado a fez abrir os olhos. O celular. No bolso do vestido. Ela tirou do bolso e leu na tela Número Privado onde devia aparecer o nome de quem mandara a mensagem. Leu o texto.

Lindo dia para um funeral. Gostei de ver você assistindo a eles colocarem sua mãe embaixo do chão. Seu rosto tão lindo, manchado e inchado de tanto chorar. Tive prazer em ver seu mundo desabando. Se acha que está triste agora, você não perde por esperar. Quando eu acabar, você vai desejar ter sido a sepultada de hoje.

Seria uma piada de muito mau gosto?

Quem é?, ela digitou, esperando uma resposta que não veio. Ela levantou-se depressa da poltrona, o coração ribombando no peito, e correu para fora da sala, a respiração acelerada.

– Simon! – berrou ela, enquanto se apressava pelo corredor. – Chame a polícia!

DOIS

Uma tristeza profunda se abateu sobre Blaire enquanto acompanhava a fila de carros para chegar à recepção na casa de Kate. Não era possível que Lily estivesse morta, ainda mais que tivesse sido assassinada. Por que alguém ia querer matar uma pessoa tão querida e adorável quanto Lily Michaels? Blaire resistiu às lágrimas que passaram a semana inteira querendo sair. Agarrada ao volante, ela respirou fundo e forçou-se a ficar calma. Seguiu a trilha ladeada por árvores até a frente da mansão elegante de Kate e Simon, onde um manobrista a esperava. Ela parou o Maserati, saiu e entregou as chaves ao jovem de uniforme.

A mansão de pedra ficava em uma parte elevada, que dava para um prado em declive que terminava em estábulos e um padoque. Ela estava na terra dos cavalos, da famosa Maryland Hunt Cup. Blaire nunca esqueceria a primeira vez que fora à corrida com Kate e os pais dela, em um dia ensolarado de abril. A multidão empolgada reunia-se em torno dos carros e das barracas pequenas, enquanto se acotovelavam com seus drinks mimosas e aguardavam a largada. Blaire, noviça, vinha fazendo aulas de equitação no Colégio Mayfield, enquanto Kate praticamente nascera em cima da sela. Blaire aprendera durante as aulas que uma corrida com obstáculos lembrava uma *steeplechase*, as corridas com sebes, muros, fossas e diversos obstáculos dispersos pela pista. Ela assistia fascinada à dupla cavalo-cavaleiro saltar cercas de quase um metro e meio. Lily estava de bom humor naquele dia, distribuindo o banquete que havia trazido na cesta de palha, em uma toalha bonita que colocou sobre a mesa dobrável. Ela sempre fazia tudo com graciosidade e elegância. Agora ela se fora, e

Blaire era apenas mais uma na multidão de enlutados que lotava a mansão de Kate e Simon.

Blaire estava muito nervosa em ver a amiga de anos, mas, no instante em que elas se aproximaram, as velhas emoções se acalmaram. Kate até a puxou de lado para uma conversa íntima e elas puderam compartilhar um instante de luto. Olhando ao seu redor, Blaire achou a mansão tão imponente quanto aquela em que Kate havia crescido. Ainda era difícil conciliar a imagem da menina que Blaire conhecera, de 23 anos e despreocupada com a vida, com a senhora de uma mansão formal e majestosa. Blaire ouvira dizer que Simon, arquiteto, havia projetado-a para parecer histórica. O marido da amiga era uma das pessoas que não ficaria contente com a volta de Blaire. Não que ela se importasse com a opinião dele. Ela estava ali disposta a reatar laços com outros amigos que não via há anos e não ia se incomodar com ele.

A biblioteca pela qual ela havia passado a caminho da sala lhe dera vontade de parar e ficar por ali. Tinha dois andares, com um lado inteiro de janelas compridas. As paredes e o teto de madeira preta reluziam ao sol. Uma escadaria de madeira subia em espiral até uma sala de leitura, recheada com mais livros. O tapete persa escuro e a mobília de couro aumentavam a sensação de estar em um lugar antigo – era um espaço onde o leitor poderia voltar no tempo. Blaire teve a ânsia de subir aquela escada acariciando o corrimão de madeira grossa e perder-se naquelas obras da literatura.

Em vez disso, ela prosseguiu até a ampla sala de estar, onde os empregados circulavam com aperitivos e serviam vinho em bandejas. O espaço era imenso e bem iluminado, o que deixava tudo mais alegre, se não aconchegante. Blaire notou o teto alto com acabamento refinado nos frisos e as pinturas originais nas paredes. Eram o mesmo tipo de obras que ela vira na casa dos pais de Kate, com aquela pátina de idade e riqueza. O chão de tábuas corridas era coberto por um enorme tapete oriental marrom escuro e azul. Blaire notou a franja esfiapada em um cantinho e alguns pontos que pareciam um tanto gastos. Mas é claro, ela sorriu

consigo, sendo irônica. Provavelmente era da família há muitos e muitos anos.

Ela fitou o sujeito desajeitado do outro lado do salão, parado no bar. Os olhos dela atraíram-se pela gravata-borboleta no pescoço. *Quem usa gravata-borboleta em um velório?* Ela nunca se acostumara à obsessão de Maryland por gravatas borboleta. Na escola, tudo bem; mas, quando se é adulto, só em uma ocasião formal. Ela sabia que as amigas antigas não concordariam com ela, mas, para ela, este acessório era coisa de Pee-wee Herman ou do palhaço Bozo. Assim que ela registrou o rosto, porém, tudo fez sentido. Gordon Barton. Um ou dois anos à frente delas no colégio, aquele que rastejava por Kate como um cachorrinho perdido quando eles eram menores. Ele sempre fora um garoto estranho, sinistro, daqueles que encaram você por longos momentos durante uma conversa, que faz você se perguntar o que se passa na cabeça dele.

Ele viu que ela estava olhando e veio na sua direção.

– Olá, Gordon.

– Blaire. Blaire Norris. – Os olhos estrábicos não tinham calor humano algum.

– Agora é Barrington – disse ela.

As sobrancelhas dele pularam.

– Ah, é mesmo. Você se casou. Preciso dizer: você anda bem famosa.

Ela não dava bola alguma para ele, mas o reconhecimento de seu sucesso literário a agradava mesmo assim. Ele sempre fora um engomadinho que a olhava como um superior, do alto de seu nariz.

Ele balançou a cabeça negativamente.

– Que horrível o que aconteceu com Lily. Horrível.

Ela sentiu os olhos marejarem de novo.

– Assustador. Ainda não acredito.

– Claro. Estamos todos chocados. *Homicídio*. Aqui. Impensável.

A sala estava cheia de gente que havia feito fila para dar as condolências a Kate e seu pai, que estava perto da lareira, ambos com aparência de atordoados. Harrison estava pálido, olhando para o nada.

– Desculpe, com licença – disse Blaire a Gordon. – Ainda não tive oportunidade de falar com o pai da Kate. – Ela se dirigiu à lareira. Kate foi engolida pela multidão antes de Blaire chegar até ela, mas os olhos de Harrison arregalaram-se conforme ela se aproximou.

– Blaire. – Sua voz era calorosa.

Ela dirigiu-se até seus braços abertos e ele lhe deu um abraço forte. Blaire foi acometida por uma viagem no tempo ao sentir o cheiro de seu pós-barba, e surgiu uma tristeza pungente por todos os anos que eles não estiveram juntos. Quando se endireitou, ele tirou um lenço do bolso e limpou o rosto, soltando alguns pigarros antes de conseguir falar.

– Minha bela Lily. Quem faria uma coisa dessas? – Sua voz vacilou, e ele estremeceu como se sentisse uma dor no corpo.

– Sinto muito, Harrison. Não tenho como expressar...

Os olhos dele perderam o brilho de novo. Harrison soltou a mão dela, torcendo o lenço até virar uma bola. Antes que Blaire pudesse dizer algo mais, Georgina Hathaway veio a passos largos.

O coração de Blaire parou. Ela nunca gostara nem da mãe nem da filha. Ficara sabendo que Georgina enviuvara, que Bishop Hathaway morrera havia alguns anos devido a complicações decorrentes do Parkinson. A notícia a deixou surpresa. Bishop sempre fora um homem vibrante, atlético e sarado, com corpo de esportista. Era o centro das atenções e o último a ir embora de uma festa. Ver o corpo definhando deve ter sido uma tortura. Ela costumava perguntar-se o que ele vira em Georgina, que era mais egocêntrica que Narciso.

Quando a mulher pôs a mão em um dos ombros de Harrison, ele olhou para cima e ela lhe entregou um copo cheio de um líquido âmbar que Blaire supôs ser conhaque, sempre a preferência dele.

– Harrison, querido, tome isso. Vai acalmar seus nervos.

Ele pegou o copo das mãos dela sem dizer uma palavra e deu um gole demorado.

Blaire não via Georgina Hathaway havia mais de 15 anos, mas ela parecia praticamente a mesma pessoa. Não havia uma ruga naquela pele cremosa, indubitavelmente, graças a um hábil cirurgião plástico. Ela

ainda prendia o cabelo em coque e mantinha o estilo em um traje de seda preta. As únicas joias que usava eram um colar de pérolas simples em volta do pescoço branco e a aliança refinada de esmeralda e diamante que sempre ostentou.

Georgina sorriu para Blaire sem mostrar os dentes.

– Blaire, que surpresa vê-la por aqui. Não sabia que você e Kate ainda mantinham contato. – Ela ainda parecia personagem de um filme dos anos 1940, com um sotaque que era mistura de inglês britânico e o queixo duro do internato.

Blaire abriu a boca para responder, mas Georgina voltou-se para Harrison antes que ela pudesse dizer uma palavra.

– Quem sabe nos sentamos perto do buffet?

Era certo que a mulher mais velha não perderia tempo para marcar território com Harrison, pensou Blaire, embora, com sorte, ele teria o bom senso de evitar um caso com ela. Na primeira vez que Blaire fora à casa de Selby, era um dia quente em junho, no fim da oitava série, quando Kate insistiu em trazê-la junto para ficarem na piscina. Ela nunca havia visto uma piscina olímpica em uma casa. Parecia uma coisa saída de um resort: vasos de palmeiras, cachoeiras e uma banheira de hidromassagem enorme, mais uma edícula de quatro quartos ornada com mais luxo do que a casa da própria Blaire em New Hampshire. Blaire vestia um fio dental verde-limão que acabara de comprar no shopping center e que achou que havia ficado sensacional no seu corpo. Era agradável sentir o sol quente na pele, e ela molhou um dedo do pé na água azul e cintilante.

Depois de elas terem passado a maior parte da manhã nadando, a governanta havia lhes trazido o almoço. Ainda pingando da piscina, elas sentaram-se ao redor de uma grande mesa de vidro, deixando que o calor do sol as secasse enquanto pegavam sanduíches da travessa abarrotada. Blaire optara pelo de rosbife com queijo suíço e havia acabado de esticar a mão para pegar uma batatinha quando a voz de Georgina soou.

– Meninas, lembrem-se de também comer legumes, não só as batatinhas – bradou ela, conforme se aproximava, chique no seu maiô marinho e sarongue.

Selby ficara entusiasmada ao apresentar Blaire a Georgina, que dirigira um sorriso morno à filha e depois parara um instante para analisá-la. Deixara a cabeça pender de lado.

– Blaire, querida. Este biquíni revela demais, não acha? É bom deixar um pouquinho para a imaginação.

Blaire deixara a batatinha cair entre os dedos e olhara para o chão, o rosto vermelho de vergonha. A boca de Kate escancarara-se, mas nada saíra. Até Selby ficara quieta, para variar.

– Então, tudo certo e bom almoço. – Dito aquilo, Georgina virara-se e voltara-se para dentro. Era uma vaca naquela época e ainda devia ser, Blaire apostava.

Ela afastou a memória desagradável assim que notou Simon voltando ao recinto.

Blaire analisou-o por um instante antes de se aproximar. Ele ainda era lindo tal como 15 anos atrás, casualmente encostado no batente da porta, aquela madeixa malcomportada de sempre pendendo sobre a testa. As mulheres, provavelmente, ainda caíam a seus pés. E ela notou que agora tudo no seu visual era caro, desde o terno preto sob medida até os sapatos de couro italiano. Na primeira vez que Kate apareceu com Simon, em um recesso de primavera, ela confiara a Blaire que ele se sentia deslocado. Simon havia crescido na costa leste de Maryland, filho de uma família modesta. O ataque cardíaco que matara o pai, quando ele tinha doze anos, havia devastado a família tanto no sentido emocional quanto financeiro. Sua mãe nunca se recuperara por completo e, não fossem as bolsas de estudo que Simon havia conquistado, teria sido impossível ele entrar em Yale. Quando os dois se casaram, Simon finalmente teve condições de deixar a vida da mãe mais confortável, e assim fizera até a sua morte, pouco depois do nascimento de Annabelle. Era evidente que a vida dele também estava mais confortável, Blaire refletiu.

Havia uma jovem morena ao seu lado. Era vistosa, mas o que chamou mesmo a atenção de Blaire era o jeito como ela olhava para Simon, com um misto de adoração e expectativa. Ele sorriu quando ela disse alguma coisa e tocou seu braço. A linguagem corporal dos dois deixara claro que

eles se conheciam bem. Blaire queria saber o quanto. Passado um instante e, mesmo que ela não conseguisse ouvir as palavras, Simon aparentemente encerrou a conversa. Os olhos da jovem acompanharam-no quando ele se dirigiu a Kate. Então ela se virou e se afastou, parando por um instante prolongado em frente a um aparador de mogno. Depois que ela deixou o recinto, Blaire foi ver o que chamara a atenção da mulher. Era uma foto de casamento de Kate e Simon, em uma moldura de prata, os dois sorrindo como se não tivessem uma preocupação sequer.

Um sino soou e um homem uniformizado anunciou que era hora do almoço. Simon estava sozinho do outro lado da sala, então Blaire aproveitou a oportunidade. Ao aproximar-se dele, sua expressão assumiu um ar de cautela.

– Oi, Simon. Sinto muito pela sua perda – disse, com toda a sinceridade que encontrou.

Ele se retesou.

– Que surpresa *você* por aqui, Blaire.

A raiva subiu por ela como se fosse ácido, começando pela barriga e chegando à garganta. A memória do que acontecera da última vez que o vira a acometeu com a força de um tsunami, mas ela recuou. Tinha que ficar tranquila, serena.

– A morte de Lily foi uma tragédia – falou. – Isto não é hora de ser mesquinho.

Os olhos dele estavam gélidos.

– Muito gentil da sua parte vir correndo de volta. – Ele chegou mais perto, colocando um braço sobre os ombros dela, de modo que um observador casual veria como amigável, e sibilou com ira. – Nem pense em tentar se meter entre nós de novo.

Blaire se horrorizou, chocada com a audácia dele em dirigir-se a ela daquele jeito, ainda mais neste dia. Ajeitando os ombros, ela deu seu melhor sorriso de escritora.

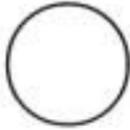
– Você não devia estar mais preocupado com a sua esposa e como ela está lidando com o assassinato da mãe do que com a relação que eu tenho com ela? – O sorriso de Blaire desapareceu. – Mas não se preocupe. Não

vou cometer o mesmo erro duas vezes. – Desta vez, vou garantir que *você* não se meta entre *nós*, pensou ela enquanto ia embora.

Ela estava a caminho do banheiro do primeiro andar para se retocar antes do almoço quando algo do lado de fora chamou sua atenção. Ela se dirigiu à janela e percebeu um homem de uniforme nas sombras, próximo à entrada dos carros. Levou um minuto para identificar o motorista de Georgina. Como era mesmo seu nome? Alguma coisa com R... Randolph, isso. Ele as levava para todo canto quando Georgina ficava encarregada do transporte. Blaire ficou um tanto surpresa por ele ainda estar vivo. Anos atrás ele já lhe parecia um ancião. Ao vê-lo, ela notou que, na época, ele só devia ter uns quarenta e poucos anos. Então ela viu Simon aproximar-se e cumprimentá-lo antes de colocar a mão no bolso do casaco e tirar um envelope. Randolph, olhando em volta, nervoso, pegou o envelope, fez um meneio com a cabeça e entrou no carro.

Simon já estava a caminho da entrada da mansão, então Blaire desviou rapidamente para o lavabo antes que ele pudesse vê-la. Não conseguia imaginar que negócios Simon teria com o motorista de Georgina. Mas ia descobrir.

TRÊS

—  assassino estava no enterro. Quem sabe até na nossa casa. —
A voz de Kate fraquejou enquanto ela entregava o celular ao detetive Frank Anderson, da Delegacia do Condado de Baltimore. A presença dele, com uma conduta segura e confiante, deixava-a à vontade. Ela ficou mais uma vez impressionada com o modo como sua aparência e força física a fazia sentir-se segura.

Ele tomou um assento em frente a Kate e Simon na sala de estar e leu a mensagem de texto com o cenho franzido.

— Não vamos tirar conclusões precipitadas. Pode ser uma figura excêntrica que leu a respeito da morte de sua mãe e o velório. A cobertura foi grande.

O queixo de Simon caiu.

— Quem é o doente que faria uma coisa dessas?

— Mas é o meu celular pessoal — contestou Kate. — Como um estranho conseguiria o número?

— Hoje em dia, infelizmente, é fácil conseguir qualquer coisa. Há vários serviços clandestinos que a pessoa pode usar. E havia centenas de pessoas no cemitério. A senhora conhecia todas?

Ela fez que não.

— Discutimos a possibilidade de fazer um velório fechado, mas minha mãe era tão vinculada à comunidade que achamos que ela ia querer uma cerimônia aberta a quem quisesse prestar condolências.

O detetive fazia anotações durante a conversa.

— Normalmente, nossa suposição seria uma figura excêntrica. Mas, já que temos um homicídio sem solução, vamos levar mais a sério. Com a

autorização dos senhores, vamos instalar uma escuta consensual Categoria Três. Gostaria de colocar no telefone da casa e nos computadores. Assim, caso a senhora receba mais ameaças, poderemos ver em tempo real e rastrear o IP.

– Claro – disse Kate.

– Tenho um equipamento que pode espelhar seu celular. Faço o procedimento assim que encerrarmos aqui e vejo se consigo rastrear a mensagem e descobrir quem a enviou. Caso cheguem mais, posso fazer tudo menos responder. Se for um tipo excêntrico, é exatamente o que ele quer que a senhora faça. – Ele fez uma expressão de solidariedade com Kate. – Sinto muito que a senhora tenha que lidar com isto diante de todo o resto.

Kate sentiu um leve alívio enquanto o marido conduzia Anderson até a porta. Ela lembrou a última vez em que recebera notícias apavorantes no telefone, a noite terrível em que Harrison encontrara Lily. Ela vira o telefone do pai aparecer na tela e, ao atender, ele parecia fora de si.

– Kate. Ela se foi. Ela se foi, Kate. – ele soluçava na ligação.

– Pai, do que você está falando? – O pânico se espalhara pelo seu corpo.

– Alguém arrombou a casa. Mataram ela. Oh, meu Deus, não pode ser. Não pode ser.

Kate mal conseguia entender o que o pai dizia, de tanto que ele chorava.

– Quem arrombou? Mamãe? Mamãe morreu?

– Sangue. Sangue por todo lugar.

– O que aconteceu? Chamou uma ambulância? – perguntara ela, a voz aguda, a histeria prestes a tomar conta.

– O que eu faço, Katie? O que eu faço?

– Pai, escute. Já ligou para a emergência? – Mas tudo que ela ouvia eram acessos de choro.

Ela correria para o carro e cruzara os 25 quilômetros até a casa dos pais em transe, disparando mensagens para Simon encontrá-la no local o mais rápido possível. A duas quadras, ela percebera as luzes azuis e vermelhas piscando. Quando se aproximava da casa, sua SUV fora parada em uma

barreira policial. Ela descera do carro, então, e vira o Porsche de Simon atrás. Socorristas, polícia e investigadores entravam e saíam da casa. Em pânico, Kate abriu caminho pela multidão, mas um policial a deteve com os braços cruzados, as pernas bem abertas e uma cara feia.

– Desculpe, senhora. Temos uma cena de crime.

– Eu sou filha dela – dissera, tentando passar por ele, quando Simon chegara ao seu lado. – Por favor.

O policial negara com a cabeça e estendera a mão à frente.

– Alguém virá falar com a senhora. Sinto muito, mas tenho que pedir que se afaste.

E então eles ficaram apenas olhando e esperando, juntos, horrorizados, enquanto investigadores iam e vinham carregando câmeras, sacos e caixas, desenrolando a fita amarela de cena do crime e recusando-se sequer a olhar na direção deles. Não demorou muito até chegarem as equipes de tevê, as câmeras focadas nos jornalistas esbaforidos, de microfones na mão, perscrutando cada detalhe repugnante possível. Kate quisera levar as mãos aos ouvidos quando ouvira eles dizerem que o crânio da vítima havia sido esmagado.

Ela finalmente vira o pai sendo retirado da casa. Sem pensar, correria na direção dele. Antes de dar mais que alguns passos, mãos fortes a seguraram e não a deixaram seguir adiante.

– Me solte – gritara, fazendo força contra o policial que a segurava. As lágrimas escorreram pelo seu rosto e, quando a viatura partira, ela berrara: – Aonde vão levar ele? Me solte, droga. Onde está a minha mãe? Eu preciso ver minha mãe.

O policial afrouxara a mão, mas não a expressão.

– Sinto muito, senhora. Não posso deixar que entre.

– Meu pai tinha que ficar com ela – gritara. Simon aparecera ao seu lado e ela inspirara fundo, tentando acalmar-se. Mesmo que ainda estivesse furiosa com ele, a presença do marido era reconfortante.

– Para onde o levaram? O doutor Michaels é o pai da minha esposa... Para onde o levaram? – perguntara Simon, colocando um braço sobre Kate para protegê-la.

– À delegacia, para interrogatório.

– Interrogatório? – questionara Kate.

Uma mulher de farda aproximara-se.

– A senhora é filha de Kate Michaels?

– Sim. Doutora Kate English.

– Sinto informar que sua mãe faleceu. Sinto muito pela sua perda. – O policial fizera uma pausa. – Precisamos que vá à delegacia para responder a algumas perguntas.

Sinto muito pela sua perda? Que formal. Fútil, aliás. Era assim que as famílias dos pacientes a viam quando ela vinha dar más notícias? Ela seguira o policial, mas só conseguia pensar na mãe morta sendo fotografada e examinada por investigadores, estudada por peritos médicos e, por fim, sendo levada ao necrotério para a autópsia. Ela havia acompanhado um bom número de autópsias na faculdade. Não eram nada bonitas.

– Já comeu alguma coisa? – perguntou Simon, dando um susto ao entrar na sala e despertá-la de suas memórias.

– Estou sem fome.

– Que tal uma sopa? Seu pai disse que Fleur preparou um caldo de galinha.

Kate o ignorou e ele deu um suspiro alto, sentando-se na poltrona ao lado de um buquê enviado por seus colegas do hospital. Simon segurava a ponta de uma folha enquanto lia o cartão.

– Muito gentil da parte deles – disse. – Você devia comer. Pelo menos, beliscar alguma coisa.

– Simon, por favor. Pare, pode ser?

Ela não queria que ele viesse de marido carinhoso depois da tensão dos últimos meses. Quando as discussões e as mágoas chegaram a ponto de Kate não conseguir mais se concentrar no trabalho nem em mais nada, ela recorrera a Lily. Há poucas semanas elas haviam se sentado em frente à lareira na saleta aconchegante dos pais, aquecidas pelas chamas, Kate ainda nos trajes hospitalares e Lily, refinada em suas calças de lã branca e suéter de caxemira. Lily olhara Kate nos olhos, a expressão séria.

– O que foi, querida? Você parecia muito chateada ao telefone.

– É o Simon. Ele... – Ela parara, sem saber por onde começar. – Mamãe, lembra da Sabrina?

Lily franzira o cenho, com um olhar inquisitivo para Kate.

– Você lembra. O pai dela era aquele que assumiu quase tudo depois que o pai de Simon morreu. Que virou uma espécie de mentor do Simon? Sabrina foi daminha no nosso casamento.

– Ah, sim. Lembrei. Era uma criança.

– Sim, na época ela tinha 12 anos. – Kate inclinara-se para a frente. – Você lembra que, na manhã do casamento, enquanto todo mundo se arrumava, Sabrina tomou chá de sumiço? Eu fui atrás dela. Estava no quarto de hóspedes, sentada na ponta da cama, chorando. Eu ia entrar, mas vi que o pai dela estava junto, então fiquei parada sem que eles me vissem. Ela estava muito chateada porque Simon ia se casar. Dizia ao pai que sempre achou que ele ia esperar ela crescer e casar-se com ela. Era de dar pena.

Os olhos de Lily se arregalaram, mas seu rosto permanecera tranquilo.

– Eu havia esquecido, mas isso tem séculos. Ela era pequena e tinha uma quedinha por ele.

O rosto de Kate enrubescera.

– Mas nada mudou. Eu tentei ser compreensiva, carinhosa, achei até que podia ser amiga, quem sabe uma confidente. – Kate suspirou. – Ela repelia todo meu esforço. Claro que ela nunca foi grosseira na frente de Simon, mas, quando estávamos a sós, deixava bem claro que não queria nada comigo. Agora, desde que o pai dela morreu, Sabrina está mais carente do que nunca. Liga o tempo todo, quer cada vez mais tempo com Simon.

– Kate, qual é o problema real? Desde que Simon não dê incentivo, você não tem motivos para se incomodar. E a pobrezinha ficou órfã tão cedo.

– Mas é exatamente isto. Ele *está* dando incentivo. Sempre que ela liga com algum problema ou qualquer coisa que precisa de solução, ele sai correndo. E ela telefona cada vez mais. Ele está sempre lá. Mais do que seria normal. – A voz de Kate se elevou. – Ele diz que não é nada, que eu

sou exagerada, mas não é verdade. Ela trabalha com ele, e estão sempre próximos. Eles vão a jantares juntos, ela vem cavalgar aqui em casa, me ignora totalmente e fica babando por ele. Chegou ao ponto em que não aguento mais. Pedi para ele sair de casa.

– Kate, ouça bem o que está dizendo. Você não pode desmanchar sua família por conta de uma coisa dessas.

– Bom, eu é que não vou mais tolerar essa situação. Ele não devia ter contratado Sabrina, mas o pai dela, no leito de morte, pediu a Simon que cuidasse da filha. E, assim que o pai morreu, ela pediu um emprego ao Simon.

– Parece que Simon não teve muita escolha. As coisas vão se ajeitar. Pode ser o processo de luto dela.

– Mãe, sinceramente, eu estou cansada de me fazer de esposa solidária e sofrida. É ridículo me tratarem assim e meu marido dizer que sou injusta.

Lily levantou-se e começou a caminhar de um lado e para o outro. Ela foi até Kate e colocou as mãos sobre os ombros da filha, os olhos fixos nela.

– Vou conversar com o Simon. Quero entender o que está acontecendo.

– Mãe, não. Por favor, não faça isso. – A última coisa que ela queria era sua mãe botando o marido contra a parede. Desse jeito, as coisas iam ficar piores do que já estavam. Só que ela não ouvira mais nada da mãe sobre o assunto. Se Lily havia falado com ele, nem ela nem Simon haviam comentado.

Ela olhava para Simon inclinando-se para a frente na cadeira, os cotovelos sobre os joelhos.

– Por favor, não me mande embora – disse. – Eu sei que nós tivemos problemas, mas é hora de nos unirmos, de um apoiar o outro.

– Apoiar? Faz muito tempo que você não está ao meu lado. Eu nem devia ter aceitado que você voltasse para casa.

– Não é justo. – Simon fechou a cara. – Você precisa de mim aqui, e eu *quero* ficar com você e com Annabelle. Eu me sentiria muito melhor se estivesse aqui cuidando de vocês duas.

Ela sentiu um calafrio e fechou mais seu casaco de lã. Ela lembrou-se: havia um assassino à espreita. A última frase do texto se repetia na sua mente. *Quando eu acabar, você vai desejar ter sido a sepultada de hoje.* A insinuação de que havia mais por vir. Aquela pessoa assassinara sua mãe para puni-la? Ela pensou no luto dos pais dos pacientes que ela não conseguira salvar e tentou identificar qualquer um que pudesse tê-la culpado. Ou culpado seu pai. Ele era médico há mais de quarenta anos e tivera bastante tempo para fazer inimigos.

– Kate. – A voz de Simon venceu os devaneios dela. – Eu não vou deixar você sozinha. Não quando estão ameaçando você.

Ela ergueu o olhar bem devagar. Não conseguia raciocinar. Mas a ideia de ficar sozinha naquela casa gigante era, de fato, assustadora.

Ela fez que sim.

– Você pode continuar na suíte de hóspedes azul, por enquanto.

– Acho que eu deveria voltar para o nosso quarto.

Kate sentiu o calor subir pelo pescoço e preencher seu rosto. Ele estava usando a morte da mãe dela como um modo de insinuar-se de volta?

– De jeito nenhum.

– Tudo bem. Certo. Mas eu não entendo por que não podemos deixar isso para trás.

– Porque nada foi resolvido. Não tenho como confiar em você. – Ela o fitou como se seus olhos pudessem perfurá-lo. – De repente, Blaire estava certa a seu respeito.

Ele deu um giro, um olhar sinistro no rosto.

– Ela não precisava ter aparecido hoje.

– Ela tinha todo direito – respondeu Kate, nervosa. – Ela era minha melhor amiga.

– Já esqueceu que ela tentou acabar conosco?

– E você está terminando o serviço.

Ele franziu os lábios e ficou em silêncio por alguns instantes. Quando falou, havia um tom duro na sua voz.

– Quantas vezes eu tenho que lhe dizer que não está acontecendo absolutamente nada? Nada.

Ela estava exaurida demais para discutir.

– Vou subir para colocar a Annabelle na cama.

Quando Kate entrou no quarto da filha, a menina estava no chão montando um quebra-cabeça, e Hilda estava na poltrona ao lado. O que ela faria sem Hilda? Ela era magnífica com Annabelle: amorosa, paciente, tão dedicada à criança que Kate precisava lhe lembrar que não era por morar com eles que ela precisava estar sempre trabalhando. Hilda fora babá dos três filhos de Selby. Quando Annabelle nascera, Selby sugerira que a amiga a contratasse, já que o seu mais novo iria entrar na primeira série e não precisaria mais de babá em tempo integral. Kate ficara aliviada e grata por ter uma pessoa conhecida e de confiança cuidando da filha. Era como se eles conhecessem Hilda desde sempre. O irmão dela, Randolph, era motorista de Georgina havia anos, um funcionário confiável e seguro. Tudo se combinara com perfeição.

Kate ajoelhou-se ao lado da filha.

– Você está indo muito bem.

Annabelle olhou para a mãe com seu rosto de querubim, os cachos loiros se balançando.

– Vem, mamãe. Faz você – disse a menina, entregando-lhe uma peça do quebra-cabeça.

– Hmm. Deixe-me ver. Será que é aqui? – perguntou Kate, e começou a colocar no lugar errado.

– Não, não – ela bufou, e segurou a peça para colocar no lugar correto.

– Está quase na hora de dormir, querida. Quer escolher um livro para a mamãe ler com você? – Ela virou-se para Hilda. – Por que você não vai para a cama? Eu fico com ela.

– Obrigada, Kate. – Hilda passou a mão no cabelo de Annabelle. – Ela se comportou muito bem hoje, não foi, querida? Que dia bem longo.

– Foi mesmo. – Kate sorriu para ela. – O dia também foi longo para você. Vá descansar.

Annabelle tirou *A teia de Charlotte* da prateleira e levou até a mãe. Ela sentou-se na cama enquanto Annabelle remexia-se debaixo das cobertas. Kate adorava o ritual noturno com a filha, mas desde a morte de Lily as

noites andavam diferentes. Ela queria amarrar o corpo da menina ao seu e protegê-la das tragédias do mundo real.

Assim que Annabelle caiu no sono, Kate, delicadamente, puxou o braço que ficara debaixo da filha e saiu na ponta dos pés. Ela espiou o caminho até o último quarto de hóspedes, no fundo, o quarto em que Simon iria dormir. A porta estava aberta e o quarto estava escuro, mas ela conseguia perceber uma luz brilhando sob a porta do banheiro e ouvir água correndo.

Ela olhou para o outro lado e voltou seus pensamentos para Jake. Os pais dele não haviam vindo à recepção, por isso ela não tivera chance de conversar. O que, provavelmente, fora melhor, dado que ela era uma lembrança dolorosa. Os dois haviam crescido no mesmo bairro e se conheciam praticamente a vida inteira, mas foi quando foram para o ensino médio que se apaixonaram. Kate ainda se lembrava do último ano, de Jake sorrindo para ela nas arquibancadas da quadra de lacrosse. Independentemente do frio que fizesse naquelas partidas, de fevereiro ou março, ela se sentia aquecida. E ele nunca perdia uma prova de atletismo dela, com sua voz grave gritando em incentivo. Os dois inscreveram-se para Yale e parecia certo de que passariam o resto da vida juntos – até a noite em que tudo mudou. Ao longo dos anos ela revivera na mente aquela noite da festa, várias e várias vezes, imaginando outro desenlace. Se eles tivessem ido embora dez minutos antes, se eles não tivessem bebido. Mas é óbvio que ela não tinha como mudar a realidade. Em questão de poucas horas, ela o perdeu. Quando ela foi à casa dele, alguns dias depois do enterro, as persianas estavam fechadas. Havia jornais de dias empilhando-se na porta e a caixa de correio transbordava. Seus pais e as duas irmãs acabaram se mudando.

Ela seguiu pelo corredor até o quarto. Queria se preparar para dormir, embora soubesse que o sono não seria tranquilo. Foi a passos delicados até o quarto, abriu seu vestido preto do velório e deixou-o cair no chão, sabendo que nunca mais conseguiria vesti-lo. Quando acendeu a luz do banheiro e se olhou no espelho, viu que o cabelo estava despenteado e os olhos, vermelhos e inchados. Aproximando-se para analisar mais de perto,

ela captou algo escuro com o canto do olho e congelou. O suor irrompeu por todo seu corpo e ela começou a tremer, descontrolada, recuando horrorizada. Sentiu que ia vomitar.

– Simon! Simon! – gritou. – Venha aqui. Rápido!

Em um instante ele estava ao lado dela, que continuava fitando os três camundongos mortos, enfileirados na pia, os globos oculares dos três arrancados. Só depois ela percebeu o bilhete.

Três ratinhos ceguinhos

Três ratinhos ceguinhos

Como eles correm

Como eles correm!

Correram atrás da vida perfeitinha

Perderam os olhos com uma faquinha

Você já viu algo mais bonitinho?

Que três ratinhos mortinhos?